

JOÃO J. MOUTINHO

NOTÍCIAS DO
REINO

Interpretações bíblicas e evangélicas à luz
da Codificação Kardequiana - II



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA



Conversa com o leitor

O Horto das Oliveiras recorda o sítio acolhedor, sob cujas frondes Jesus e seus apóstolos reúnem-se, por vezes, para íntimos colóquios evangélicos, em que recolhem transcendentis manifestações de alegria.

Se à videira os Espíritos sugerem ao Codificador o símbolo do homem, no seu tríplice aspecto — espírito, perispírito e corpo — à oliveira, cujos frutos traduzem alimento ou combustível à chama da candeia, deve-se emprestar o emblema do Evangelho. Enquanto a colheita dos frutos da oliveira assegura riqueza ao pomicultor, a sombra renova forças ao peregrino, sugerindo ao botânico o exame das folhas, do caule ou das raízes ocultas no subsolo. O seareiro espírita, na condição de pomicultor, até agora vem estruturando raciocínios sobre as flores e os frutos, do que anota compreensivo júbilo.

A pesquisa sobre as raízes da árvore do Evangelho — objetivo exclusivo desta obra — submersas no terreno das figuras e das parábolas, revela o dilatado conteúdo doutrinário que encerram.

Atribuindo vida eterna às palavras do Cristo, compreende-se não existir frase sua que não encerre significativa lição ou que não esteja revestida de elevada sabedoria, exceção feita a textos, cujas traduções contemplam a cultura conservadora e o condicionamento milenar de seus tradutores, induzindo a im procedentes raciocínios.

As lições do Evangelho guardam sempre interpretações que correspondem à cultura, ao senso moral e à escola doutrinária de cada ser. Importa, no entanto, esclarecer que, no presente trabalho, nunca se afastou da orientação consagrada por Kardec e por Emmanuel.

É forçoso reconhecer a existência de alguns textos que, para serem decifrados, reclamam a senha da cultura da Codificação e de acurada identificação à fonte de elevadas inspirações.

Cada lição aqui anotada sugere uma “notícia” do ilimitado Reino celestial do Cristo, convidando a superiores meditações. Que não se olvidem, no entanto, as cinco obras de Emmanuel,¹ reunindo anotações sobre novecentos versículos, tendo em vista constituírem base permanente ao melhor aprendizado do Evangelho à luz do Espiritismo.

¹ *Pão Nosso; Fonte Viva; Caminho, Verdade e Vida; Vinha de Luz* (FEB) e *Palavras de vida eterna* (CEC).

1

Entrada de Jesus em Jerusalém

“Chegando ao Monte das Oliveiras, enviou Jesus dois discípulos, dizendo-lhes: Ide à aldeia que aí está diante de vós e achareis presa uma jumenta e com ela um jumentinho. Desprendei-a e trazei-mos.” (MATEUS, 21:1 e 2.)

“Alegra-te, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que aí vem o teu rei, salvador e humilde, montado num jumento. Ele anunciará paz às nações.” (ZACARIAS, 9:9.)

Com cinco séculos de antecedência, Zacarias profetiza jubilosas demonstrações do povo simples, acolhendo Jesus na condição do Grande Esperado, com o que revela anotações constantes dos arquivos da Espiritualidade, desde os esquecidos dias em que o Senhor recebeu, no seu reinado espiritual, os Espíritos proscritos de Capela, entre os quais vem a comparecer no mundo físico, depois de alguns milênios.

A missão do Cristo na Terra, como portador divino da Boa Nova, sem competir com o efêmero

império imposto por seus príncipes, anuncia seu reinado eterno de justiça e amor, constituindo pretexto à morte das crianças, imposta por Herodes, e o comportamento de Anás e Caifás que, zelosos do trono transitório que ocupam, o condenam à morte na cruz, depois de impor-lhe extensas demonstrações de ironia.

Convém esclarecer que, enquanto príncipes e guerreiros vitoriosos adentram as cidades conquistadas, cavalgando animais de raça e empunhando reluzentes espadas em sinal de triunfo, a demonstrar glória e poder terrenos, conquistados a preço de sangue e lágrimas, o Príncipe de Deus entra em Jerusalém, com destino à *via crucis*, montado num jumento, humilde animal de serviço.

Exegetas e tradutores da *Bíblia* qualificam de triunfal a entrada de Jesus em Jerusalém, considerando os ramos que as multidões estendem sobre o caminho e as ruidosas exclamações: “*Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor!*”. (*Mateus*, 21:9.)

Deve-se admitir, no entanto, que príncipes, reis ou imperadores terrenos não escolheriam humilde animal de carga em demonstração pública de triunfo. A História não recorda nenhum monumento de asno erguido em homenagem a grandes vultos políticos, na demonstração de poder e força, em que equinos puro-sangue simbolizam guerra, escravidão e fome.

O jumento, como animal de serviço, simboliza humildade, trabalho e paz, mensagem de elevada magnitude, anunciada por Zacarias, que o Mestre consagra aos seres que, desejando segui-lo, devem negar a si mesmos e ombrear a própria cruz.

Elegendo por berço uma manjedoura, e tendo por glória entrar em Jerusalém montado num jumento, finaliza sua missão de extremo amor entre dois ladrões, destacando expressivas lições, situadas ainda na província de vazias interpretações convencionais.

2

Os discípulos são o sal da terra

“Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal vier a se tornar insípido, como lhe restaurar o sabor?”

(MATEUS, 5:13.)

Por atender ao imperativo de renovação das células, o corpo físico ainda exige o combustível do alimento, cobrando do Espírito compreensiva parcela de trabalho, suor e preocupação, com o que sedimenta o caminho de sua evolução, até que, no curso do tempo, mediante a evolução espiritual e com a contribuição da ciência, o organismo humano, mais aperfeiçoado, venha a extrair do ar que respira maior porcentagem de nitrogênio, calculada hoje em torno de 80% de suas exigências.

Respaldando-se na afirmativa de que “nem só de pão vive o homem”, torna-se imperioso esclarecer que o Espírito, igualmente, não pode prescindir do alimento que o Cristo define por palavra que sai da boca de Deus, cujo celeiro pode ser atribuído ao seu coração, motivo por que afirma: “*Eu*

sou o pão da vida que desceu do Céu; se alguém dele comer, viverá eternamente". (João, 6:51.)

Ressalte-se, ainda, a seguinte declaração: "*Quem comer da minha carne e beber do meu sangue, tem a vida eterna*" (João, 6:54), admitindo-se por "carne" o corpo de sua doutrina, e por "sangue", a alma ou a essência do Evangelho. Porque suas palavras provocaram murmúrio entre alguns dos presentes, Jesus retrucou: "*Isto vos escandaliza? As palavras que vos tenho dito são espírito e vida*". (João, 6:61 e 63.)

Assim como se admite o Sol por fonte de energia que alimenta a vida orgânica na Terra, assim também deve-se admitir o Senhor por fonte de amor e luz da alma, sustentando a evolução dos Espíritos.

Para que a luz de seu imensurável amor alcance a todos, no ilimitado sistema que governa, Jesus constitui, por satélites, profetas e apóstolos, discípulos e missionários, considerando o imperativo de refletirem sua luz, decodificando sua palavra à linguagem dos seres inferiores, moralmente distantes na imensa órbita da evolução espiritual.

Embora as disputas que se observam pelas vanguardas no campo da divulgação evangélica, deve-se admitir que somente o legítimo missionário de Jesus pode emprestar, como sal de que é símbolo, melhor tempero ou melhor sabor ao alimento espiritual de que o Evangelho se constitui.

Tomando-se, pois, o Cristo por pão ou alimento da alma, entende-se por que o Evangelho — Pão do Espírito que desce do Céu — possui melhor sabor e compreensão quando temperado pelo sal, de que são portadores seus legítimos missionários, donde concluir-se que, se os seres terrenos não se afeiçoaram à essência do Evangelho, demonstrando preferência pelas tradições humanas que cultivam como religião, é porque os que asseguram diplomas de semeadores religiosos, sem vocação e sem maturidade espiritual, não possuem nem conhecem o sal das elevadas aquisições espirituais que identificam os fiéis servidores do Mestre.

Vale conhecer o que o evangelista Mateus anota, ao encerrar o sermão do Monte: *“Quando Jesus acabou de proferir suas palavras, as multidões estavam maravilhadas com a sua doutrina porque Ele as ensinava como quem possui autoridade e não como os escribas e os fariseus”*. (Mateus, 7:28 e 29.)

3

Estratégia de Satanás

“Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos, procurando repouso; porém não encontra. Por isso diz: Voltarei à casa donde saí. E, tendo voltado, a encontra vazia, varrida e ornamentada. Então, vai e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro. Assim também acontecerá a esta geração perversa.”

(MATEUS, 12:43 a 45.)

O exame dos complexos obsessivos sugere dois distintos quadros. Sinaliza-se o primeiro por manifesto propósito de vingança, em que desconhecidas vítimas do pretérito se convertem em réus ocultos do presente, alimentando-se de ódio insaciável, suscetível de atingir adiamento ilimitado, no curso de inúmeras existências. Por emprestarem singular apreço às imagens das recordações,

sempre alimentadas na presença do adversário, nada cedem no terreno das orientações e conselhos que recebem de Espíritos superiores. No entanto, por maior obstáculo ao tratamento devem ser admitidas as próprias imperfeições morais que o paciente cultiva.

No segundo quadro, as manifestações obsessivas têm por base as dependências e as paixões cultivadas no domínio da insensatez, as quais conferem aos desencarnados — que por afinidade os localizam — hospedagem e alimento gratuitos, constituindo o quadro de vampirismo, comum entre os que desprezam a bússola da disciplina na viagem da encarnação. Ainda nesse caso, a maior dificuldade à recuperação do enfermo constituiu-se, igualmente, na frágil determinação e em suas imperfeições morais.

Sendo a afinidade moral — além dos compromissos espiritualmente assumidos — que determina e alimenta a sintonia entre os seres, somente o crescimento espiritual de um deles modifica a frequência das vibrações, desligando vigorosas conexões espirituais sustentadas no campo íntimo de cada ser.

É compreensível, pois, admitir por terapia, comum a qualquer quadro obsessivo, a conscientização profunda a que a Doutrina Espírita conduz, seguida de expressivos esforços, no enalço da própria renovação moral.

Podem ser lembrados outros recursos de que a solidariedade espírita se vale, no domínio da terapia espiritual, recordando a oração sincera, a terapia do passe intensivo e o esclarecimento ao Espírito, mediante atividades mediúnicas conhecidas por desobsessão, das quais devem participar somente médiuns experientes e equilibrados.

Do quadro de tratamento, deve ser excluído o “desenvolvimento mediúnico” do paciente, principalmente com o próprio Espírito obsessor, prática equivocadamente indicada por dirigentes de trabalhos mediúnicos, que contribui para agravar sobremodo os desequilíbrios psíquicos do enfermo.

Convém reconhecer, ainda, a significativa ação dos mentores espirituais, facultando, à guisa de terapêutica, o afastamento temporário do Espírito, assinalado pelo paciente por sensação estranha de vazio, de saudade ou até por depressão, por faltar-lhe as vibrações em que, anteriormente, se sustentava no domínio da sintonia com o obsessor que, por sua vez, anotará idêntica condição.

O mesmo estado experimenta o dependente, quando auxiliado espiritualmente no tratamento, por registrar o afastamento temporário dos Espíritos que se sustentam às suas expensas, devendo, pois, se o desejar, mobilizar compreensivos esforços, escapando do consórcio espiritual que dificulta o processo terapêutico.

Com apoio na oração, no estudo da Doutrina Espírita e sustentado em vigorosa determinação, o paciente deve vencer o estado mórbido, emprestando à trégua expressiva importância, cultivando pensamentos, propósitos, anseios e ambições espirituais nobres, mobilizando, na esfera das atividades voluntárias, atos de benemerência que sinalizam o esforço evolutivo, que os obsessores tomam por base a novas diretrizes de comportamento.

Com pensamentos, emoções e sentimentos, cada ser edifica o ambiente da casa mental em que se compraz, na qual acolhe, como hospedeiros, Espíritos que se lhe identificam pela afinidade de vibrações. Por isso, a maledicência e o clima de inveja, de ciúme e de propósitos vingativos constituem singulares óbices ao tratamento. As criações mentais de luxúria, alimentadas pela literatura ou cenas licenciosas, além de fortalecerem os liames espirituais, significam os ornamentos da casa vazia de virtudes a que alude a parábola de Jesus.

Os lugares que o Espírito inferior toma por áridos para repouso, por estranhos à sua condição, podem ser traduzidos por ambientes saudáveis, construídos por mentes vigilantes, educadas no Evangelho e ocupadas pelo trabalho ou pelo estudo, excluindo qualquer espaço para hospedagem ociosa. O ócio é, por conseguinte, forte aliado dos seres imperfeitos.

Se em sua peregrinação o Espírito não encontra hospedagem ideal e acolhedora, por consentânea ao seu estado moral, compreende-se a decisão de retornar à casa de onde se ausentou e, assinalando sintonia espiritual desejável, rende-se aos simpáticos liames do consórcio fluídico, naturalmente depois de convidar os “amigos” que identificou no caminho, sendo compreensível que o último estado do paciente venha a ser pior do que o primeiro, como esclarece o Mestre.

Se, no capítulo da terapia individual, são exigidos do enfermo singulares esforços de conscientização evangélica e reforma íntima, selecionando pensamentos, propósitos e hábitos, torna-se evidente que a redenção espiritual coletiva ou de uma nação venha a obedecer aos mesmos imperativos.

Conhecendo Jesus as imperfeições que sinalizavam o quadro de evolução espiritual do povo eleito, que não escondia o despreço à mensagem de que fora portador, assinalando, diante de Pilatos, manifesta preferência por Barrabás, como se virtude fora, e disputando louvores por sua crucificação (*João*, 18:38 a 40), invocando o sangue do Cristo sobre si e seus filhos (*Mateus*, 27:25), não foi difícil ao Senhor prever o extenso quadro de sofrimento coletivo que o povo encontraria no curso do tempo, quando diz: “*Assim acontecerá a esta geração perversa*”.(*Mateus*, 12:45.)

Sobre o autor

JOÃO DE JESUS MOUTINHO, nascido em 1926 em lar espírita, iniciou suas atividades de expositor em 1946. Durante doze anos, participou de estudos em grupo do Velho e do Novo Testamentos e das obras de Allan Kardec, período em que conheceu também todas as obras psicografadas à época por Chico Xavier e Yvonne A. Pereira, publicadas pela Federação Espírita Brasileira.

Em 1955, fundou e dirigiu o programa de rádio “Seara de Luz” e presidiu a Aliança Municipal Espírita de Araguari (MG). Três anos depois, ingressou no Centro Espírita Obreiros do Bem, do qual foi presidente até 1971, quando se transferiu para Brasília. Já em 1973, começou a proferir palestras na FEB, da qual foi Procurador e Diretor, no período de 1978 a 1986, e de onde se afastou para dirigir a FEDF – Federação Espírita do Distrito Federal, na qual permaneceu até 2004.

Por todos os meios, durante toda a sua existência, vem conferindo segura diretriz à divulgação da Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec e ao Movimento de Unificação.